

Uma resenha bricolada de “Pesquisar na Diferença – um abecedário”

A *bricolage* review of "Researching in the difference: from A to Z".

Leila Domingues Machado; Maria Carolina de Andrade Freitas
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO:

Resenha de FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ABSTRACT:

Review of FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). *Pesquisar na diferença: um abecedário* (Researching in the difference: from A to Z). Porto Alegre: Sulina, 2012.

Tudo começa por um... pesquisar.

Mas, um verbo puxa outro... outro... outro, como teria assinalado Machado de Assis a respeito das palavras: “palavra puxa palavra” (ASSIS, 1884).

Nem passa mais ser possível conjugar um verbo em um sentido único, indivisível, fixo, rígido.

É preciso elencar outras palavras. Abrir a novos sentidos. Produzir desdobramentos diversos.

Como caminhar e visitar uma região estrangeira – ainda mesmo quando esta é nossa própria casa – fazendo apostar na polivocidade que convoca a não estar só. A achar-se e perder-se. A tecer, a fiar, a experimentar passagens e trilhas. A fazer-se em legião de vozes, potências, arranjos e corpos.

O livro *Pesquisar na Diferença – um abecedário*, organizado por Tânia Galli, Maria Lívia do Nascimento e Cleci Maraschin, inspira-se no abecedário de Gilles Deleuze e aventura-se, a partir de diversos verbos, a proliferar novas proposituras sobre o processo de pesquisar.

Os verbetes escolhidos para compor o livro foram escritos por uma multidão de companheiros, amigos e pesquisadores. Contudo, a leitura que fazemos nesta resenha não se deteve a elencar um por um, ou mesmo identificar as autorias.

Antes, propõe numa brincadeira prazerosa, numa bricolagem, passear pelos rastros deixados pelas tantas mãos que enlaçaram e compuseram essa sinfonia. Embaralhando-a. Fazendo ressoar, ao mesmo tempo, diferença e repetição, num exercício de (des)construção movente, interessado na margem lúdica de manobra oferecida por este instrumento/ferramenta.

Pesquisar, fazer, ver, agir, sentir, pensar. Acoplar, afetar, agenciar. Agir, analisar, bricolar. Cartografar, clinicar, coletivizar. Conhecer, desejar e devir. Diferir, enatuar, entrevistar. Escrever, estetizar, experimentar. Explicar, escutar, gaguejar. Imaginar, inventar, ler, maquinar. Nomadizar, officinar, operar. Outrar, politizar, produzir. Resistir, singularizar. Soprar. Subjetivar, subverter, transversalizar...

Os pontos não estancam. Mas, articulam e, e, e, entres, (des)continuidades.

E se pesquisar pudesse referir-se a produzir sentidos abertos, multiplicidades, diferenças. Pesquisar como potência dos corpos, como ultrapassagens e criação, prenes de potência de outros modos de fazer. Como movimentos de transmutação e acontecimentos?

Pesquisar poderia ainda passar por extrair das banalidades e do ordinário algo que force a pensar e a escrever. Abrir à emergência de novos, outros e tantos mundos quanto o desejo permitir, escapando de um pensamento sedentário e representacional.

Propor o conhecimento como produção pontual e provisória, constituída por processos intensivos, fora das dicotomias tradicionais. Como um movimento de seguir pistas, linhas de transformação, que surpreendam e afirmem a experiência em ato, no lugar de confirmação do dado ou da consolidação das verdades-fim. Encarar a pesquisa não como mero método, mas como um ethos, uma maneira de pensar, de exercitar uma pertinência, um agir e um conduzir ético, político e filosófico.

Pesquisar como modo de produzir perturbação afirma a irredutibilidade de nossa condição viva.

Pesquisar e afetar abarcaria certa agonia. Instalaria uma tensão.

Pesquisar é convocar afetos vividos, vontade de encontro, perguntas, sensações, intensidades. Um acontecer que envolve nossos corpos, um rondar contínuo de inquietações. Possibilidade de enunciar outras formas de agir e de viver. Pesquisar aciona audições e visões, gostos e cheiros, toques e forças.

Pesquisar e agenciar remetem ao processo de criação, à heterogeneidade de instâncias e à multiplicidade de agentes envolvidos numa ação, num processo. Implicam

corpos conectados a outros, fabricação de diferenças. É contar com o imprevisível do ato de criar pensamento.

Pesquisar como forma de romper com o automatismo de alguns fazeres, com o tarefismo, com a vida funcionária. Pesquisar/Agir é percorrer processos, percorrer as entranhas do pensar, forjar movimentos micropolíticos, desnaturalizar. É deformar, afetar, estranhar, transformar, desestabilizar, abrir-se à imensidão do infinito de possíveis.

Pesquisar e analisar como processos de transformação de si. Como procurar pelos refugos, o que resta minoritário, inventar palavra de desordem, de invenção, conexão, transgressão. Fugir dos sedentarismos solucionadores, das tranquilizantes disciplinas que tornam o pesquisar uma ação predeterminada.

Pesquisar e cartografar como quem corta as palavras.

Pesquisar como quem busca novas combinatórias, como quem desenha movimentos, escreve, filma, fotografa, dança, encena, pinta, pensa. É como se, perguntando sobre o que insiste, pudéssemos acionar os detalhes de vida breve. Sublinhar as grandezas do ínfimo: cores, odores, sabores, caprichos, texturas, velocidades.

Exercício de deslocar a clínica da raiz etimológica que a define como ‘debruçar-se sobre o leito’ para propor um desvio. De entender clínica e pesquisa como incessantes processos de desvios e mutações. Ações capazes de produzir rupturas, catalizar fluxos e decompor linhas, de quebrar e romper com as representações pretensamente universais que aprisionam as produções subjetivas, políticas e sociais.

Pesquisar é abrir-se à variação. Procurar por processos moleculares que materializem práticas coletivas híbridas, não representáveis em totalidade. Instaurar, encontrar, inventar o máximo de conexões, ampliando os coeficientes de coletivização.

Como a Alice de Carroll se meter em um buraco, por força da curiosidade e da ousadia, para operar uma fissura no tempo que segue encadeado.

Pesquisar permitiria criar outra vida, uma experiência de produção de superfície.

Pesquisar e desejar são modos de construir agenciamentos, engatar-se num coletivo, ativar forças em meio ao acontecimento.

Desejar implica engendrar e experimentar tensões e desestabilizações. Como fenômeno molecular, liga energias e se prolifera em afetações, em conexões transversais e fluxos heterogêneos.

Pesquisar como devir. Devir como potência de acontecer, diferir de si, como o irrefreável, ilimitado. Um brotar das intensidades e fabricação de limiares e zonas de passagens, por variações e interstícios das formas. Devir como experiência estética, ligada ao amor. É saber encontrar no acontecimento que resulta do encontro, o desejo a ele imanente. Como potência em ato.

Pesquisar e diferir como certo compartilhar, lançar-se numa experimentação inédita. Transbordar, consolidar uma revolta contra certo estado de coisas.

Pesquisar/enatuar como quem engendra corpo e conhecimento.

Pesquisar e entrevistar como formas de desenhar uma escrita que adentra o desconhecido do outro. Colocar-se num desejo de saber e de escutar narrativas experienciadas. Sempre inacabadas. A pergunta que se coloca é como ousar, neste espaço, uma posição de criação, de invenção, permitir o movimento, o questionamento, a dignidade da questão.

Pesquisar/Escrever como reparar num poliedro, em suas diversas faces. O ato de escrever articula-se à invenção, movimento de um outro em si mesmo, de estranhamento. Mais que um relato, escrever a pesquisa é acionar a narrativa de quem pesquisa/escreve como reinvenção e possibilidade intempestiva de produção de texturas.

Escutar e pesquisar... o silêncio, um farfalhar de folhagens, de ondas, de vãos. Escutar o lamento da terra, o leito do rio, do medo do escuro e do claro, do dia e da noite, escutar a alegria, os ruídos, os barulhos, da fogueira na noite, dos sentidos, dos corpos, do avermelhado da cor. Do zumbido, do exalar do perfume das frutas. Escutar imagens, letras, outras línguas. Outros acordes, batuques e transes. Para falar é preciso a experiência de escutar. A alma deve acolher a palavra e o silêncio. Escutar as dobras, os delírios, os desejos.

Pesquisar e estetizar apontam para a capacidade de vida liberta, das artes de viver, como o governo da própria vida numa espécie de saber e de arte. Estetizar forjaria um estilo e uma resistência às recognições.

Pesquisar como experimentar: vestir-se de não senso. Abandonar a cronologia e optar por novas paisagens. Criar palavras e interferências. Construir um modo de permanecer em processo. Compor. Percorrer, insistir. Acolher as diferenciações do pensamento, dos sentidos, como exercício ético e de liberdade.

Pesquisar e explicar ligam-se ao ato de implicar e, portanto, ao entrelaçamento, ao embaralhamento, à criação e invenção. Trata-se de contemplar algo da penumbra, algo de obscuro, de árduo, da apreensão de desvios, transmutando forças de afirmação.

Pesquisar passa por afirmar o explicar e o gaguejar como espaços de interferência, convocação de forças e embarques em linhas de fuga, pela multiplicidade de sentidos. Bifurcar sentidos, polifonia dos enunciados, intensificações. Fazer a linguagem sair dos eixos e dos sistemas dominantes.

Imaginar e pesquisar produz deslocamentos. Numa pesquisa, num ato de aprender, numa obra de arte; o exercício é o de deslocar-se. Forçar o pensamento a derivar-se.

Pesquisar e inventar significa encontrar restos arqueológicos ou relíquias. Uma vez que a invenção não se opera no âmbito da iluminação súbita, mas implica uma duração, uma experimentação, uma prática de tateio, de conexão. Se faz com a memória, a percepção, a aprendizagem e a linguagem.

Ler e pesquisar... reverberam linhas, ir por entre as linhas de um mundo... por entre as linhas de um fora. Reverberam alianças, inversões na direção do pensamento. Produzem afetações pela sensibilidade, pela emoção, pela simpatia. Ler e pesquisar produzem vertigem.

Pesquisar e maquinar como modalidades originárias do pensar. Congênito a desejar.

Pesquisar e nomadizar como construção de novos territórios. Territórios que se movimentam. Distribuir homens em espaços abertos. Uma pesquisa nômade não pretende difundir doutrinas ou entrar em polêmicas, não visa a persuadir, conquistar. Mas objetiva abrir um campo de perguntas.

Pesquisar e officinar... produzem modos minoritários de conhecer. Rasgar a roupa, potencializar o vazio, desdobrar acoplamentos intensivos. Suportar a nudez do sentido. Um desatino. Linha dissonante. Proliferar outros olhares. Tangenciar o limite.

Assim como operar e pesquisar consistem em usar mundos, criar ontologias. E outrar sugere um sujeito que empreenda ou sofra. E pensar denota ato criativo, fruto de perturbação.

Por isso pesquisar e politizar...

Produzir práticas microfísicas, o político está no plano das relações cotidianas. Afirmar a vida como campo de forças e uma sucessão de acontecimentos, de produções, de corporificações que ampliam as relações, afetos, desejos, idéias, expectativas, etc. Pesquisar não se limita, assim, à indicação de uma conclusão, mas à experimentação de um processo.

Cria resistência como invenção ao abrir as formas ao campo da experiência ou permitir enunciação das diferenças. Situa-se no universo das potências, da criação, da inovação. Assumida como postura ética, pesquisar indica uma estética, um agir político.

Por isso, pesquisar suscita singularizar.

Singularizar remete a escapar da produção capitalística individualizadora. Está para a invenção de novas formas de agregar, criar, trabalhar. Incentivar outras formas de produção de sensibilidade e de relação consigo mesmo e com o outro. Um diferenciar.

E quem diria.... pesquisar, nesta proposta, pode até mesmo trazer um sopro...

Um sopro de pesquisa: sopro de inspiração, sopros do mundo, ato de criação, *intermezzo* de sentidos. O impessoal como manancial de onde jorra o acontecimento. Abertura selvagem. O sopro como prenúncio da virada: algo novo. Coragem.

Apostando, enfim, que subjetivar não é um acontecimento pessoal. Mas impessoal. Fluxo. Dissolução de fronteiras.

Movimenta um plano de acidentes-fluxos em composição. Isto nos faz atravessar os modelos gerais ou individuais para pensar uma trama desejante em agenciamento criador. Isto permite uma ética do encontro.

E, logo, uma subversão. Por que não?

Subversão que forja instrumentos de batalha, que faz sair do lugar de comentarista, que toma objetos de estudo como raridades. Que aposta no acontecimentalizar, no escrever de forma aguda e inquietante, rompendo com hierarquias ao sair do previsto, ao torcer notas, ao livrar-se das bandeiras, ao aventurar-se, ao rachar palavras, ao encontrar brechas e ao fazer de si uma obra de arte.

Driblar, engendrar, historicizar, martelar, traçar planos. Curto-circuitar, descolonizar o pensamento, corroer, analisar, vagar, construir, deixar passar. Escapar, ressoar.

Como afinal, transversalizar molecularidades. Fragmentar-se em linhas de constituição. Traçando eixos diagonais que embarelhem códigos e coloquem, lado a lado, os diferentes, liberando as diferenças de lugares dados” (FONSECA et alii., 2012).

A deixa, nesta altura, é a de que cada um pode puxar novo verbo. Nova palavra. Ao compor essa sinfonia bricolada e insistente, convocar o que cada um pode pôr a delirar, a tontear...

Referências

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Histórias sem data*. Primas de Sapucaia, 1884.

FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). *Pesquisar na diferença: um abcedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Leila Domingues Machado
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional
E-mail: leiladomingues@uol.com.br

Maria Carolina de Andrade Freitas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional
E-mail: mariacfreitas@yahoo.com.br